DOI 10.5418/RA2018.1425.0004

GÊNERO, MASCULINIDADES E ESPAÇO CARCERÁRIO NA EXPERIÊNCIA DE HOMENS EM PONTA GROSSA – PARANÁ

GENDER, MASCULINITIES AND PRISION SPACE IN THE MEN' EXPERIENCE IN PONTA GROSSA – PARANÁ, BRAZIL

GÉNERO, MASCULINIDADES Y ESPACIO CARCELARIO EN LA EXPERIENCIA DE HOMBRES EN PONTA GROSSA – PARANÁ, BRASIL

Dimas Diego Gontarek
Universidade Estadual de Ponta Grossa/PR
E-mail: gontarek.dimas@gmail.com

Joseli Maria Silva
Universidade Estadual de Ponta Grossa
E-mail: joseli.genero@gmail.com

Márcio José Ornat
Universidade Estadual de Ponta Grossa
E-mail: geogenero@gmail.com

Fernando Bernati Gomes
Universidade Estadual de Ponta Grossa
E-mail: ferbg28@gmail.com

Resumo

Este artigo tem como objetivo compreender as significações das experiências carcerárias criadas por homens, ex-detentos do sistema prisional em Ponta Grossa, no estado do Paraná. Para atingir este objetivo, foram realizados levantamentos de dados quantitativos sobre a realidade carcerária neste município a partir dos relatórios de 2014, 2015 e 2016 elaborados pelo Núcleo de Estudo e Acompanhamento das Execuções de Pena na Vara de Execuções Penais na Comarca de Ponta Grossa, bem como os levantamentos de 2014 e 2016 do Sistema de Informações Penitenciárias (INFOPEN). Os dados qualitativos foram construídos por meio de sete entrevistas em profundidade com homens que passaram pelo sistema penitenciário e que, voluntariamente, se engajaram na pesquisa. Os discursos dos colaboradores foram sistematizados por meio de análise de conteúdo, como proposta por Bardin (1977). Durante o cotidiano do cárcere, eles constituem sociabilidades e regras próprias que reorganizam suas masculinidades de forma complementar e contraditória com as normas hegemônicas.

Palavras-chave: cárcere, masculinidades, gênero, espaço, Ponta Grossa (PR).

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

Abstract

This article aims to understand the meanings of prison's experiences created by men, ex-prisioners about the prison system in Ponta Grossa, Paraná State (Brazil). In order to achieve this goal, quantitative data were collected on the prison situation in this municipality, based on the reports of 2014, 2015 and 2016 prepared by the Nucleus for the Study and Monitoring of Executions of Penalties in the Court of Criminal Executions in the Judicial District of Ponta Grossa, as well as the 2014 and 2016 surveys of the Penitentiary Information System (INFOPEN). Qualitative data were constructed through seven in-depth interviews with men who went through the prision system and who voluntarily engaged in the research. The collaborators' discourses were systematized through content analysis, as proposed by Bardin (1977). During the jail routine they constitute specific sociabilities and own rules that reorganize their masculinities in a complementary and contradictory way with the hegemonic norms.

Keywords: prision, masculinities, gender, space, Ponta Grossa (Paraná).

Resumen

Este artículo tiene como objetivo comprender las significaciones de las experiencias carcelarias creadas por hombres, ex detenidos del sistema penitenciario en Ponta Grossa, estado de Paraná (Brasil). Para alcanzar este objetivo, se realizaron levantamientos de datos cuantitativos sobre la realidad carcelaria en este municipio, a partir de los informes de 2014, 2015 y 2016 elaborados por el Núcleo de Estudio y Acompañamiento de las Ejecuciones de Pena en la Vara de Ejecuciones Penales en la Comarca de Ponta Grossa, así como los levantamientos de 2014 y 2016 del Sistema de Informaciones Penitenciarias (INFOPEN). Los datos cualitativos fueron construidos a través de siete entrevistas en profundidad con hombres que pasaron por el sistema penitenciario y que voluntariamente se comprometieron en la investigación. Los discursos de los colaboradores fueron sistematizados por medio de análisis de contenido, como propone Bardin (1977). Durante el cotidiano de la cárcel ellos constituyen sociabilidades y reglas propias que reorganizan sus masculinidades de forma complementaria y contradictoria con las normas hegemónicas.

Palabras clave: cárcel, masculinidades, gênero, espacio, Ponta Grossa (Paraná).

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

Introdução

O objetivo deste artigo é compreender as significações das experiências carcerárias criadas por homens, ex-detentos do sistema prisional em Ponta Grossa, no estado do Paraná. A experiência carcerária tem feito parte de um número crescente da população brasileira. Segundo o relatório de Informações Penitenciárias (INFOPEN) lançado, em 2017, pelo Departamento Penitenciário Nacional, do Ministério da Justiça, o Brasil passou a ser o terceiro país com maior população carcerária do mundo, perdendo apenas para os Estados Unidos e a China, sendo seguido, na quarta posição, pela Rússia. Enquanto as taxas de aprisionamento aumentam, as vagas do sistema penitenciário se mantêm estabilizadas, sendo que, atualmente, o Brasil precisaria de, pelo menos, o dobro das vagas existentes.

O relatório lançado pelo INFOPEN (2017) evidencia a situação do sistema penitenciário do Brasil, em 2016, apresentando dados preocupantes. A sociedade brasileira possui 726.712 pessoas presas e apenas 368.049 vagas disponíveis no sistema penitenciário. A taxa de ocupação das unidades prisionais brasileiras é de 197,4% e a taxa de encarceramento, para cada 100 mil habitantes, é de 352,6 pessoas. Deste total, 95% são homens, 55% estão na faixa etária entre 18-29 anos de idade, 64% são negros e 61% possuem escolaridade extremamente precária (4% analfabetos, 6% alfabetizados e 51% possuem o ensino fundamental incompleto). Além disso, esse relatório alerta que 40% do total das pessoas presas estão ainda sem condenação, ou seja, são presos provisórios que ainda não foram julgados, e 89% da população carcerária estão alojados em condições de unidades prisionais superlotadas.

O Paraná, por sua vez, figura como sendo a terceira unidade da federação com maior população prisional (51.700 pessoas), com um total de apenas 18.365 vagas no sistema prisional do estado e com um *déficit* de 33.335 vagas. A taxa de ocupação do sistema penitenciário, no Paraná, é de 282%, sendo a quarta maior do país. A taxa de aprisionamento, para cada 100 mil pessoas, é de 459,9 indivíduos, sendo este o sétimo estado brasileiro que mais encarcera pessoas em todo o país. Contudo, a população carcerária do Paraná possui apenas 28% de pessoas sem condenação, uma das menores taxas do Brasil, conforme o INFOPEN (2017).

Os dados gerais elencados anteriormente ilustram um dos grandes fracassos da sociedade brasileira: o sistema penal, que, em grande parte, reflete a visão social dominante que clama pela penalização daqueles considerados "maus" para que os "homens de bem" vivam com tranquilidade (FOUCAULT, 1999 [1987]). A construção da ideia maniqueísta do bem contra o mal e do inimigo social a ser combatido tem, cada vez mais, legitimado a

Revista da Anpege ISSN 1679-768X

desumanização de grupos sociais em situação de encarceramento e aprofundado a violência do Estado, que não mantém as mínimas condições de cidadania à massa de pessoas encarceradas. O relatório da Organização das Nações Unidas (ONU) (2016) sobre o Brasil alerta para a superlotação, as torturas, os maus-tratos e o controle das unidades prisionais por facções criminosas, com a permissão tácita do Estado brasileiro, constituindo o que Agamben (1998, 2005) chama de "estado de exceção", em que a força do soberano suspende a lei, criando as zonas de abandono, justificando a necessidade social da compreensão dos elementos que constituem o espaço prisional.

As unidades prisionais são espacialidades de instituição disciplinar, conforme Foucault (1999 [1987]), e se, por um lado, sua materialidade expressa o poder do Estado de privar grupos humanos de liberdade e corrigir condutas, por outro, é também um espaço cotidiano de comportamentos específicos que estão sob vigilância constante de outras formas de poder que fazem parte das relações com outros detentos, agentes de diferentes facções criminosas, grupos religiosos, agentes penitenciários, familiares e várias pessoas que acompanham o sujeito na execução de sua pena.

Nesse sentido, este artigo traz as relações cotidianas do cárcere, tendo como foco compreender as significações das experiências carcerárias criadas por homens, ex-detentos do sistema prisional em Ponta Grossa. Para cumprir o objetivo de pesquisa elencado, foram utilizadas várias fontes. Os dados documentais sobre a realidade carcerária, nos contextos brasileiro e paranaense, foram coletados nos relatórios de 2014 e 2016 do Sistema de Informações Penitenciárias (INFOPEN). Os dados relativos à cidade foram pesquisados nos relatórios de 2014, 2015 e 2016 elaborados pelo Núcleo de Estudo e Acompanhamento das Execuções de Pena na Vara de Execuções Penais na Comarca de Ponta Grossa.

Além dos dados quantitativos, outro procedimento metodológico adotado foi a realização de sete entrevistas em profundidade com homens que passaram por situação de privação total de liberdade. As pessoas entrevistadas foram contatadas por meio da utilização de amostragem não probabilística indicada por Minayo (2000), e foi utilizado o critério de saturação de Sá (1998) para definir o universo amostral necessário para a investigação do cotidiano dos egressos do sistema prisional.

O cotidiano carcerário foi constituído por meio de sete entrevistas em profundidade que foram norteadas por um roteiro de questões que seguiram dois eixos investigativos: um eixo explorou os relatos de experiências do encarceramento e o outro investigou como tal experiência influenciou na trajetória de vida dos entrevistados. Os colaboradores desta

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

pesquisa são homens[1] que passaram pela situação de privação de liberdade, possuem idade entre 22 a 27 anos de idade e são brancos. Quatro deles possuem ensino fundamental incompleto, dois deles o ensino médio completo e um deles o curso superior incompleto. Três deles cumpriram pena por tráfico de drogas, dois por roubo, um por receptação de mercadoria roubada e o outro por homicídio.

As entrevistas foram sistematizadas por meio de análise de conteúdo, tal como proposto por Bardin (1977), cujo procedimento possibilitou encontrar as categorias discursivas que constituíram os significados das experiências carcerárias. Este artigo está organizado em duas partes. Na primeira seção, são discutidas as relações entre o espaço carcerário e a produção das masculinidades e emoções corporificadas, evidenciando a complexidade dos estudos sobre o cárcere e as possibilidades de análise geográfica. Na segunda seção, são explicitadas as significações do espaço carcerário construídas a partir das experiências dos homens entrevistados.

A experiência espacial carcerária e a emoção corporificada

A geografia brasileira tem, recentemente, produzido análises sobre o espaço carcerário, chamando a atenção para o aumento da população carcerária, embora ainda se mantenha pouco desenvolvida do ponto de vista científico, já que são poucos os trabalhos geográficos que abordam este tema, como são os casos de Zomighani (2009), Vasconcelos (2010), Arruda (2006), Fioravante (2011) e Rossi (2017).

Zomighani (2009) analisa a relação entre o processo de aprofundamento das relações capitalistas, a exclusão e a seleção de determinados grupos social e economicamente vulnerabilizados que devem ser aprisionados. A relação entre espaços de pobreza apropriados pelo tráfico de drogas, no Rio de Janeiro, e as suas conexões com as prisões foi tema investigado por Vasconcelos (2010). Arruda (2006), em Pernambuco, constrói a compreensão do cotidiano do presídio por meio da análise das territorialidades que se constituem pelas relações de poder entre os detentos, e Fioravante (2011) explora o cotidiano carcerário das mulheres e as feminilidades específicas que são vivenciadas por elas. Rossi (2017), por sua vez, explora o espaço carcerário por meio de trajetórias de masculinidades periféricas que se conectam na prisão, instituindo um espaço relacional e multiescalar. Apesar de estas importantes investigações seguirem fios condutores distintos, elas possuem em comum a evidência de que diferentes escalas de análise espacial estão envolvidas no fenômeno do

[1] Foram utilizados, nesta pesquisa, nomes fictícios para a proteção dos entrevistados (Rastaman, Zapata, Caixa, Lobo, Vida Loka, Veloz e Rosa), bem como foram suprimidos os dados que possibilitassem o reconhecimento dos depoentes, já que se trata de um universo dominado por facções criminosas, como o chamado Primeiro Comando da Capital (PCC).

Revista da Anpege ISSN 1679-768X

encarceramento, desde o global até o corpo do detento, criando específicas combinações espaciais e atingindo de forma brutal as populações pobres.

Em Ponta Grossa, a população encarcerada segue os padrões nacional e estadual, distribuída na Penitenciária Estadual de Ponta Grossa e na Cadeia Pública Hildebrando de Souza. Estas unidades possuem funções e realidades internas distintas, apesar de o perfil dos presos ser homogêneo, conforme pode ser constatado nos dados dos relatórios do Núcleo de Estudo e Acompanhamento das Execuções de Pena na Vara de Execuções Penais na Comarca de Ponta Grossa. Os detentos estão concentrados na faixa etária entre 18 e 29 anos de idade (50,6%), possuem majoritariamente o ensino fundamental incompleto (71,4%) e tinham ocupações de baixa qualificação profissional (56,4%), geralmente enquadrados em serviços gerais e auxiliares de construção civil. Destes, 67% estão cumprindo pena por tráfico de drogas e crimes contra o patrimônio, como roubo e furto.

Apesar do perfil homogêneo dos presos, a Penitenciária Estadual, fundada em 2003, tem instalações modernas e com pequeno *deficit* de vagas (com capacidade para 408 pessoas, abriga 500 presos já condenados ao regime fechado). A Cadeia Hildebrando de Souza, por sua vez, foi fundada em 1986 para abrigar apenas os presos provisórios, mas, atualmente, abriga também presos já condenados (39% do total). Suas instalações são antigas e precárias, com superlotação, contando com 207 vagas para abrigar 796 presos, com um índice de ocupação de 384,4%.

A Cadeia Hildebrando de Souza é a realidade espacial explorada neste artigo que traz a vivência dos homens que colaboraram com esta pesquisa. Eles se identificaram como sendo presos comuns, sem qualquer posição vantajosa na hierarquia do crime organizado que fosse capaz de criar fortes tensionamentos contra o poder da ordem disciplinar do Estado.

Sobre os corpos desse grupo social de homens encarcerados se exerce o poder de que trata Foucault (1999 [1987]), constituindo os saberes, tanto do ponto de vista da instituição total do Estado, como também de experiências particulares corporificadas.[2] As memórias dos homens que vivem em situação de encarceramento realizam conexões que transitam no tempo. A memória é evocada do passado e enunciada no presente, conforme argumenta Pollak (1989), sendo reelaborada a partir das identidades que estão permanentemente em movimento, sejam em conflito ou em adesão com outras pessoas e objetos.

Assim, as memórias são peças de uma arqueologia do saber da experiência carcerária que é corporificada. O ser homem não é um dado biológico, e, apesar de a instituição

[2] Mais adiante, serão detalhadas as ideias de corpo como espaço, tomando por base Longhurst (1997), Binnie, Longhurst e Peace (2001), Johnston e Longhurst (2010) e Silva e Ornat (2016).

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

carcerária ter uma organização espacial que divide a população pela constituição física da genitália considerada do sexo masculino e feminino, o que se argumenta é que *se constituir homem* é um exercício do poder normativo que cria diferentes formas de masculinidades, conforme pensa Butler (2003). Nesse sentido, ser homem, no cárcere, é diferente de ser homem em outros espaços, já que a identidade masculina é mediada espacialmente, conforme argumentam Silva, Ornat e Chimin Junior (2011).

As muitas maneiras de ser homem entram em relações que são tensionadas por diversos eixos de poder sob a perspectiva do modelo hegemônico ao qual todos os homens estão submetidos, conforme afirma Connel (1995). Segundo ele, a sociedade institui as masculinidades hegemônicas como um ideal a ser vivido, e as masculinidades que não alcançam este padrão são consideradas masculinidades periféricas, vivenciadas por sujeitos julgados como sendo "menos homens".

Além das tensões de poder entre os homens ou grupos de homens, McDowell (2001, 2002, 2003 e 2007) tem argumentado, em suas pesquisas, que, pelo fato de as masculinidades serem móveis, não há possibilidade de se conceber uma masculinidade universal, fixa e estável, sendo o espaço um elemento que compõe este movimento. Para Peter Jackson (1991, 1994), a imbricação espacial e temporal nas inúmeras formas de ser homem é um importante fundamento da geografia na observação do papel de gênero na compreensão das relações sociais. Este geógrafo, um dos pioneiros nos estudos da relação entre masculinidades e espaço, critica a falsa estabilidade do ser homem, que acaba por dificultar que os próprios homens realizem reflexões sobre suas relações sociais e de poder que estabelecem.

Assim, as masculinidades são plurais e dependem de outros elementos, como a classe, a cor, a religião, a idade e vários códigos simbólicos que são partilhados em um tempo e espaço próprios.[3] Portanto, as masculinidades são vividas concretamente pela experiência espacial de ser homem e as representações que estão ligadas a este imaginário. McDowell (2007) argumenta que, ao mesmo tempo em que alguns elementos de masculinidade se mantêm como centrais, há elementos que vão se modificando nas incontáveis experiências masculinas.

Vários pesquisadores do Grupo de Estudos Territoriais da Universidade Estadual de Ponta Grossa têm explorado a relação entre identidades masculinas não hegemônicas e sua relação com o espaço, trazendo jovens das periferias pobres, que vivenciam vulnerabilidades

[3] Para o aprofundamento do ramo das geografias feministas que desenvolveu os estudos da relação entre masculinidades e espaço, ver os trabalhos de geógrafos(as) como Kathrin Hörschelmann e Bettina Van Hoven (2005), Lawrence Berg e Robyn Longhurst (2003), Peter Hopkins e Greg Noble (2009), Robyn Longhurst (2000) e Joseli Maria Silva, Marcio Jose Ornat e Alides Baptista Chimin Junior (2011).

Revista da Anpege ISSN 1679-768X

econômicas e sociais, e sua aproximação com atividades ilícitas e violentas, constituindo identidades masculinas específicas. Os trabalhos de Chimin Junior (2009), Rossi (2010, 2011, 2017), Rocha (2013, 2014) e Gomes (2013, 2018) discutem a constituição de masculinidades relacionadas à exclusão urbana e à violência, tanto de jovens homens que cometem infrações, como aqueles que são vítimas delas, evidenciando uma política espacial urbana que tem, cada vez mais, desperdiçado vidas humanas que são desqualificadas como vidas socialmente importantes, na perspectiva de Mbembe (2003, 2014).

Portanto, as masculinidades instituídas no espaço carcerário são específicas e dependem das relações e dos códigos simbólicos que são constituídos pelo grupo, conforme argumenta Rossi (2017). O controle da escala do corpo é um dos elementos fundamentais para a compreensão da geografia do cárcere, pois, segundo esse autor, a performance de masculinidades desenvolvida por determinados adolescentes, mediadas pelo espaço e tempo, torna estes sujeitos vulneráveis ao encarceramento na fase adulta. O encarceramento é o marco da instituição de um perfil de masculinidade que vai se instituindo na experiência corpórea da prisão.

Enquanto Rossi (2017) foca sua investigação nas trajetórias anteriores ao encarceramento e durante a experiência do cárcere, trazendo os elementos de regramento e do controle do corpo por normas do grupo de presos, esta pesquisa traz os significados construídos com base nas emoções vivenciadas de forma corporificada e como o trauma do encarceramento produz significados específicos da cidade.

A "queda"[4] como acontecimento que irrompe a trajetória da adesão a atos ilícitos e culmina na prisão, segundo Rossi (2017), é o marco da instituição da figura do "detento". A vivência do espaço carcerário implica em amplas negociações diferentes daquelas que foram aprendidas até então, tanto no gerenciamento de comportamentos, dieta alimentar, vestimenta, higiene e saúde, como de emoções.

A experiência carcerária é corpórea, e o corpo é a escala espacial sobre a qual o poder incide, mas também aquela que resiste, conforme argumenta Silva e Ornat (2016). O corpo não é simples matéria, segundo Binnie, Longhurst e Peace (2001), mas a materialidade feita de carne, ossos e órgãos, que se constitui pelo discurso que é espacial e temporal. Portanto, os corpos encarcerados ganham sentidos próprios e negociam com outras escalas espaciais, assim como sustentam Longhurst (1997) e Johnston e Longhurst (2010).

Os homens encarcerados criam as condições de sua existência cotidiana por meio

[4] A "queda" significa ser preso, no vocabulário do grupo entrevistado.

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

de corpos em diferentes estágios e condições corporais – como a juventude, a velhice, a saúde, a doença e a deficiência –, que estão conectados com a condição do corpo privado de liberdade sob a custódia do Estado. Esta condição assinala o corpo do prisioneiro como um espaço geopoliticamente marcado que constitui um movimento político de conexão e desconexão de direitos sobre o corpo e do corpo como um lugar de luta social.[5] Assim, a massa de homens encarcerados cria e recria diferentes relações de corpo/espaço carcerário.

As emoções não são vividas fora de um corpo, mas por meio dele. Raiva, amor, desejo, prazer, ansiedade, tudo é corporificado. Por sua vez, o corpo de uma pessoa está conectado com outra escala do cárcere e reage à temperatura, à luz, à insolação, ao odor e assim por diante. Portanto, o encarceramento possui uma dimensão espacial que é simultaneamente mediada pelo corpo e pelas emoções.

A relação entre espaço carcerário e as emoções foi explorada por Crewe et al. (2013), afirmando que a prisão não é um espaço homogêneo internamente, estéril, infalivelmente agressivo e, muito menos, emocionalmente indiferenciado. Estes autores chamam a atenção para as diferentes "zonas de emoção" e consideram o espaço e o lugar como determinantes da prática social e da experiência pessoal. As prisões possuem outras escalas espaciais que permitem várias formas de emoção que são as fissuras do poder normativo das instituições totais a possibilitarem variações de diferentes culturas masculinas que entram em movimento e relação. O espaço prisional não é monolítico, e, em meio a uma masculinidade hegemônica endurecida, se fazem amizades, simpatias e solidariedades, produzindo um espaço de alta complexidade de emoções e interesses.

As pessoas que entram na prisão passam a compor um espaço relacional, como afirma Massey (2008), e, para isso, necessitam mapear a organização interna, reconhecer hierarquias e códigos de valores estabelecidos e gerenciar as emoções entre seus companheiros presos e outros grupos, como agentes penitenciários, visitantes etc.

Tornar a vida possível na prisão é constituir diferentes espacialidades que subvertem a lógica de poder estatal, estabelecendo políticas relacionais em outras escalas, como argumentam Turner (2016) e Moran e Schliehe (2017). O espaço carcerário não pode ser analisado de forma dual, opondo aqueles que estão dentro e os que estão fora dos limites materiais. O espaço carcerário não é apenas um local de confinamento, mas é, nesta pesquisa, compreendido como sendo uma espacialidade relacional onde se conectam os poderes institucionais, os corpos e as emoções, tal como pensado por Moran (2015).

[5] O corpo como espaço ou lugar pode ser visto nas obras de David Bell e Gill Valentine (1995), Stive Pile (1996), Stive Pile e Nigel Thrift (1995), David Bell e outros (2001) e Robyn Longhurst (2001, 2008). Além disso, a ideia de escala do corpo pode ser vista em Neil Smith (1992, 1993).

Revista da Anpege ISSN 1679-768X

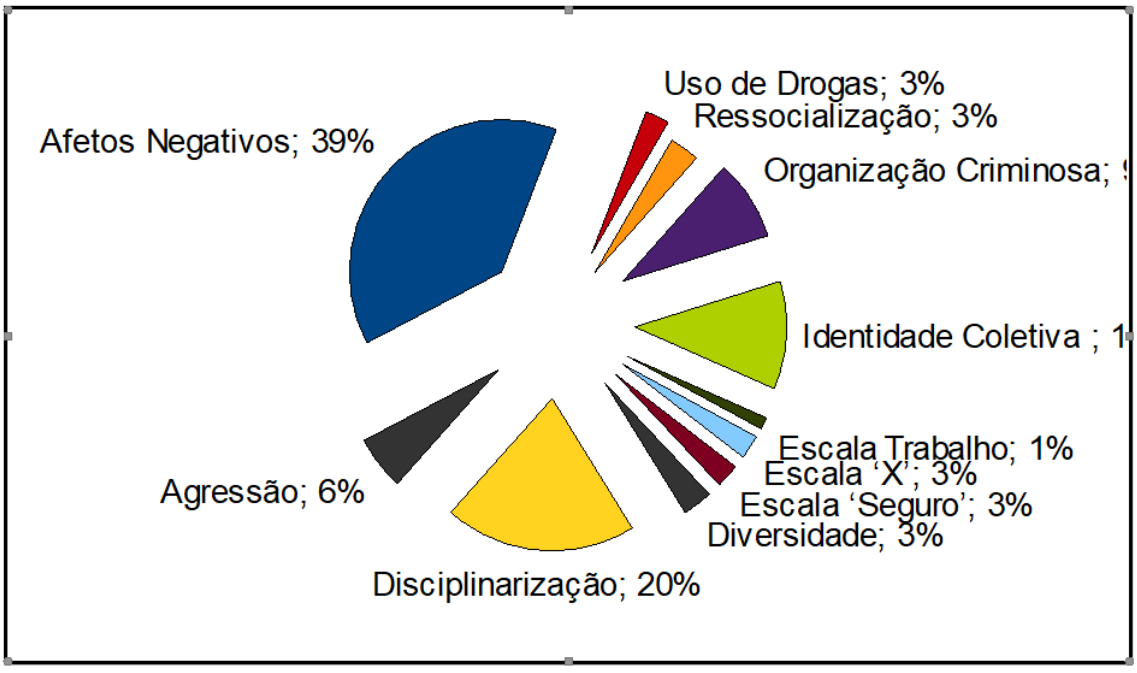
Masculinidades em negociação, emoções e espaço carcerário em diferentes escalas

A experiência dos ex-detentos que colaboraram com esta pesquisa retrata a realidade da Cadeia Pública Hildebrando de Souza, já descrita como sendo uma estrutura arquitetônica de quase quarenta anos, com serviços precários e superlotação. O discurso que enuncia as memórias espaciais evocadas evidencia um espaço multiescalar e relacional, superando a ideia de oposição entre dentro e fora do espaço carcerário, conforme ressalta Moran (2015).

Do total de 441 evocações enunciadas no discurso total das sete entrevistas, 82% foram relativas às experiências da prisão e 18% à cidade, estabelecendo-se uma narrativa relacional entre ambas, em que a cadeia e a cidade são constitutivas uma da outra, como argumentado por Massey (2008).

As experiências relativas à prisão são as mais frequentes e apresentam uma variedade de evocações enunciadas, cujas categorias estão apresentadas no gráfico que segue.

Figura 1 – Distribuição das discursivas enunciadas no discurso sobre a "prisão".



Fonte: *Entrevistas em profundidade com sete egressos do sistema prisional em Ponta Grossa/PR.*

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

Como pode ser visto no gráfico acima, as memórias, concebidas na perspectiva de Pollak (1989), sobre afetos negativos são enunciações evocadas com maior intensidade (com 39% das enunciações discursivas). A revolta por estar sujeito a condições insalubres é evocada por todos os entrevistados, que se lembram do mau cheiro, do calor, da infiltração, das péssimas condições de alimentação e de higiene e da convivência com insetos e roedores. Rastaman chega a dizer que "Se existe o inferno nessa vida, é aquele lugar, cara".[6] Apesar de os presos estarem em situação de desvantagem nas relações de poder com os agentes penitenciários, eles não se mantêm passivos e deflagram vários conflitos, reivindicando melhores condições de vida na prisão, como foi o caso do relato de Veloz, a seguir:

> *Teve uma vez que eles pagaram uma comida cheia de bicho pra nós, cheio de bichinho. Eu tava jogando com o comando, e jogaram essa marmita cheia de bicho. Aí, eu chamei assim: "Ô, seu funcionário, faça o favor aqui, seu funcionário. Ô, seu funcionário, tá azedo isso aqui, seu funcionário. Essa comida tá cheia de bicho, seu funcionário!". Ele respondeu: "É isso que você merece! É disso daí pra pior!". Eu falei: "Ah, é? Ô, seu funcionário, eu tô falando com você, seu bosta, seu merda, tô falando com você!" Daí, como ele não dava atenção, eu falava pra ele: "Ô, seu funcionário, eu vou comer sua mulher. Ela é gostosa, né? Eu vou transar com ela! É o seguinte: você não dá atenção pra gente, eu tenho que falar desse jeito!". Aí, eles tiraram o parafuso, pegaram eu e pau, pau, pau! Me arrebentavam na madeira e me jogaram lá e me deram 30 dias de latão.[7] Contra eles, só em rebelião mesmo! Pra catar eles e dominar é assim! Caso contrário, sem chance. São um bando de piranha! (Trecho de entrevista realizada com Veloz, em julho de 2017).*

O sentido da disciplinarização dos corpos dos presos ocorre pelo poder da instituição prisional, mas também se estabelece por meio de tensionamentos e acordos realizados entre os presos que elegem valores associados à aprendizagem do "ser homem na cadeia" e de hierarquias de relações que devem ser respeitadas. Rastaman, por exemplo, alertou para a ação do PCC,[8] que "colocou ordem na cadeia", instituindo determinado código de conduta a ser seguido. O aprendizado das masculinidades que constituem os espaços carcerários é diferente do das masculinidades exercidas fora da cadeia, e este processo envolve uma forte dimensão afetiva e emocional, conflitos e códigos de honra. O relato de Vida Loka evidencia os elementos que são acionados no aprendizado das masculinidades encarceradas e que são acionados na performance cotidiana:

[6] Trecho de entrevista realizada com Rastaman, em julho de 2017.

[7] O "latão" significa "solitária", no vocabulário do grupo entrevistado.

[8] O Primeiro Comando da Capital (PCC) é uma organização criminosa brasileira que atua dentro e fora dos presídios, em 22 estados do Brasil, comandando rebeliões, assaltos, sequestros, assassinatos e o narcotráfico. Informação disponível em: https://www.estudopratico.com.br/o-que-significa-pcc-no-crime-saiba-mais-sobre-essa-faccao/. Acessado em: 01/09/2018.

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

> *Mas não, cara! Não que o presídio ajude em alguma coisa, mas o sofrimento ajuda você! O sofrimento clareia tuas ideias! O que eu mais aprendi... Uma coisa que eu admirei muito, lá dentro, foi em relação ao respeito. Aprendi bastante, irmão, principalmente a maldade. Em primeiro lugar, a maldade... Que, lá dentro, se você não viver com maldade, não tem como você viver. Porque lá, na mesma hora que você tá conversando com o cara... Às vezes, você fala um bagulho que o cara não gosta, o cara não tem coragem de te matar na hora. Ele vai lá e arma um esquema, faz a casinha, conversa com os cara, tudo certinho. Quando você vê, você leva facada e nem tá sabendo. Lá, que nem nós, tava conversando... quando eu cheguei lá, eu levei tapa na boca pra mim aprender. […] Daí, eu tava passando no meio dos caras, eles conversando assim, e o cara me chamou de volta: "Ô, cara, chegue aí!" Quando eu cheguei, o cara deu assim, na minha boca. Daí, quando eu olhei pra todo mundo... Assim, eu tinha que matar o cara, né? Na hora que eu fui no mocó,[9] lá no pátio, que eu saquei da faca, os caras me colaram num canto: "O que você vai fazer, cara?" Daí, eu falei: "Eu vou dar uma facada nesse cara! O cara bateu na cara de homem!" Os cara falaram: "Não, não, não, irmão! Você não vai matar ninguém! Isso daí é pra você aprender. Sabe o que você tá aprendendo? Você tá aprendendo que quando tiver gente conversando, você não passa no meio! Não é por causa disso que você não vai ser cara homem. Você vai ser cara homem, sim, mas só que você tá aprendendo. Nós sabemos que você chegou agora, irmão, nós estamos te ensinando a ser uma pessoa", e pá... Então, é a hora que a gente vai aprendendo, cara. Às vezes, não é de um acontecimento assim que você vai deixar de ser um cara homem. Ninguém nasceu sabendo. Então, os mais velhos têm que ensinar, né? Mas lá não é assim, na conversa, é na pancadaria! (Trecho de entrevista realizada com Vida Loka, em maio de 2015).*

A disciplinarização dos corpos e sentimentos está ligada à criação de hierarquias das redes de organizações criminosas que estão dentro e fora da cadeia, como visto também em Turner (2016) e Moran e Schliehe (2017). Esta hierarquização e pactuação entre os presos permitem um crescente processo de identidade coletiva. É preciso administrar emoções e criar argumentos que são decididos em conjunto, conforme o código estabelecido entre homens que devem "honrar a palavra" performando masculinidades específicas, como visto em McDowell (2001, 2002, 2003 e 2007). Zapata explica o processo de negociação e gerenciamento de emoções:

> *Quando tem alguma treta lá, não é uma decisão assim, que qualquer pessoa vai decidir lá dentro. Não, não é só uma pessoa que decide. Desde pra matar um cara... Não é assim: ah, levantar lá e ir, "eu vou matar!" Se o cara fizer sozinho, tá sujeito de morrer também. Porque, assim, às vezes, os caras tão num tatu lá, quase indo embora. E o cara dá um mio desse, e cai o tatu lá. Vai sobrar pro cara, entendeu? É por isso que é feita uma reunião, primeiro com os cabeças, pra ver como que é a decisão (Trecho de entrevista realizada com Zapata, em 2016).*

O gerenciamento de emoções deve compor o sentido de identidade coletiva e de interesses do grupo, que estabelece contratos pessoais baseados na palavra empenhada. Na escala da cela, o sentimento de conforto emocional e de solidariedade aparece com

[9] O "mocó" significa "esconderijo", no vocabulário do grupo entrevistado.

intensidade. São relatadas situações de compartilhamento de alimentos, bem como é onde as lideranças imediatas fazem o controle das regras do corpo com maior rigidez, como evidenciado da mesma forma na pesquisa de Rossi (2017).

Para ser incluído nas relações de afeto e solidariedade, há a necessidade de se ter conquistado o *status* de "merecedor", que, por sua vez, está conectado com as normas de masculinidades e códigos de conduta criados e performados em redes hierárquicas que funcionam dentro da cadeia, mas também em outros presídios e fora deles por meio do gerenciamento das organizações criminosas. Mesmo assim, a cela é retratada como um espaço de conforto, amparo e camaradagem. A seguir, os relatos de Lobo e Vida Loka ilustram o perfil da tendência da narrativa associada à identidade coletiva que tem forte conexão com a escala da cela:

> *Essa união é legal mesmo, cara. Tipo: se tiver um pão ali, ninguém come, se não der pra todo mundo. Tudo é dividido. Tudo tem que ser dividido dentro do X.[10] O que é que não é dividido é o luxo. Luxo, que eles falam... luxo é droga e cigarro (Trecho de entrevista realizada com Lobo, em 2015).*

> *No X, é bem coletivo mesmo. É assim, vamos supor... Igual eu falei pra você. Se você é um cara que não fez nada pra ninguém, você é um... vamos dizer, é um cara merecedor, e a comida que chega pra um, lá no X, é dividida entre todo mundo no X. Se um cara não tem sacola, não é por isso que ele não vai comer. Ele vai se alimentar da comida que todo mundo ali do X trouxe, né? Se só um tem sacola, os quinze que tão ali dentro, no X, se alimentam com a sacola dele (Trecho de entrevista realizada com Vida Loka, em 2015).*

As celas, a prisão e a cidade estão conectadas de diversas formas, segundo Bernardt, Van Hoven e Huigen (2017). As fronteiras entre a cadeia e a cidade são permeáveis, e os muros do confinamento são superados pela entrada de produtos que chegam com as visitas que vêm e vão, pelas ordens das organizações criminosas, do sistema penal, das redes de empresas de prestação de serviços, dos funcionários, dos drones e dos celulares, entre outros meios. A cidade, com 18% das evocações enunciadas no discurso dos presos, mantém a conexão com a prisão, estabelecendo uma forma de interdependência do espaço carcerário, como argumenta Turner (2015).

O crime cometido fora da cadeia é um dos elementos que incidem sobre a forma com que cada preso passará a fazer parte do espaço carcerário. Há crimes considerados "respeitáveis" e outros que não são tolerados entre eles. O relato de Rastaman é expressivo desta tendência discursiva:

[10] O "X" significa "cela", no vocabulário do grupo entrevistado.

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

> *Ninguém me "tirava" por causa do meu crime. Eles aceleram[11] se for um BO diferente. Não fica nem junto quando é artigo, como os cara chamam, que é o estupro, quem bate em mulher, pedofilia, crime assim, com mulher e criança. Aí, eles ficam no seguro.[12] Uma galeria só pras pessoas que têm crime diferente, sabe? (Trecho de entrevista com Rastaman, realizada em 2017).*

As relações estabelecidas com outros homens que fazem parte de determinadas redes de sociabilidades na cidade também são um fator que pode pesar contra ou a favor na forma com que um preso passa a fazer parte da cadeia. Zapata explica como determinados valores são cultivados como códigos de honra, para este grupo de homens. Encontrar com "amigos de amigos", ter uma "caminhada"[13] de lealdade e não ser um "cagueta"[14] ajudam a ser bem recebido na cadeia:

> *Daí, eu cheguei lá, e a galera já me perguntando assim... Daí, um maluco já: "Ô, cara, você não é brother do [nome ocultado], lá da [nome da vila]?" Eu disse: "Eu sou, cara! Corro[15] junto com o cara lá!" Disseram: "Pô, olhe o cara aí!" E, daí, os caras já me chamaram pra entrar lá no X. […] E bastante gente, que tava na ilha,[16] os cara não deixavam nem entrar, pra entrar e usar o boi[17] (Trecho de entrevista realizada com Zapata, em junho de 2015).*

Do total de enunciações sobre a cidade, 70% representam os limites a serem enfrentados por eles, após o cumprimento da pena ou parte dela, e 27% representam as perspectivas de futuro.[18] As perspectivas são narradas como sonhos de manutenção da liberdade, o restabelecimento da família e a conquista de um posto de trabalho. Em contrapartida, são logo indicados os limites a serem enfrentados por eles, em que aparecem o medo do futuro, a tristeza, a frustração do fracasso da ressocialização e o sofrimento por causa da discriminação.

Os entrevistados relatam a tristeza sentida pela discriminação, a revolta por não conseguirem emprego, os conflitos internos para conterem o desejo de consumir substâncias químicas e a tentação de obterem dinheiro de forma rápida e em maior quantidade, bem como as saudades de determinadas relações com as quais mantinham amizades e interesses comuns. O relato de Vida Loka é exemplar desta dinâmica:

[11] "Acelerar" significa intimidar com ameaças e agressões, no vocabulário do grupo entrevistado.

[12] O "seguro" significa celas separadas onde colocam os presos em exílio para separá-los da população carcerária, no vocabulário do grupo entrevistado.

[13] "Caminhada" significa a trajetória de vida do preso e de sua vida no crime, no vocabulário do grupo.

[14] "Cagueta" significa ser delator, no vocabulário do grupo entrevistado.

[15] O "corre" significa atuação no varejo de drogas, no vocabulário do grupo entrevistado.

[16] A "ilha" significa a unidade da cela, no vocabulário do grupo entrevistado.

[17] O "boi" significa o vaso sanitário da cela, no vocabulário do grupo entrevistado.

[18] Os 3% restantes foram enunciados soltos, sem condições de serem analisados.

> *[...] A gente é enxergado assim, como a pessoa que não dá pra dar confiança... Pra não ter perigo, sei lá. Sempre com um pé atrás. Os mais chegados da gente é os cara da rua que a gente tá junto, que eles tão vendo qual é a humildade da gente, que a gente não quer mais aquilo lá [...] Pra mim, tá difícil, porque me internei no gole e no crack, sabe? Foi o primeiro pagamento, e parece que o diabo entrou na cabeça: "Vai lá" [nome do local]... Daí, com dinheiro no bolso, cheguei em [nome do local], fui pra casa da minha irmã, lá, e encontro um camarada aqui, outro ali, tudo locão, né? Então, dá uma bola,[19] e, nessa bola, desandou... (Trecho de entrevista realizada com Vida Loka, em 2015).*

O fato de sair da prisão não faz com que os ex-detentos consigam deixar esta experiência no passado, pois a prisão os acompanha. Moran (2015) alerta para o fato de que os espaços prisionais devem ser analisados para além de suas fronteiras físicas, chamando a atenção para as interconexões da prisão e outros espaços que vão além dos muros das instituições. Da mesma forma, Gill et al. (2018) desenvolvem o argumento de que o espaço carcerário deve ser compreendido não apenas como sendo "a cadeia", mas as conexões entre, ao redor, dentro e além das instituições carcerárias e outros espaços.

Assim, a cidade vivenciada pela discriminação e o acolhimento das antigas redes de sociabilidades dos ex-detentos resulta no que Gill et al. (2018) chamam de "circuito carcerário". As emoções deflagradas nessas experiências evidenciam que o cárcere, mesmo depois de cumprida a pena, continua sendo agenciado pelos ex-detentos. Bernardt, Van Hoven e Huigen (2017) argumentam que nem sempre as barras visíveis das prisões são aquelas que realmente contam na experiência do cárcere, mas também aquelas que aprisionam por dentro são responsáveis por criarem as fronteiras e os limites espaciais que, muitas vezes, são também manifestados mentalmente nas memórias e nas emoções.

As masculinidades forjadas nas experiências do cárcere trazem significados que são contraditórios, como revolta, ódio e medo, mas também lealdade, solidariedade e amizades. O espaço carcerário relatado pelo discurso desses homens é multidimensional (envolvendo desde elementos materiais como emocionais), relacional (masculinidade forjada nas relações com outros homens encarcerados, familiares e agentes penitenciários) e multiescalar (desde as regras de controle da nação até o corpo).

Considerações finais

Este artigo evidenciou os significados das experiências carcerárias criadas por homens, ex-detentos do sistema prisional em Ponta Grossa, no Paraná. Os dados nacionais, do estado e da cidade de Ponta Grossa evidenciam os limites do sistema prisional no respeito aos direitos humanos da população encarcerada. A análise dos dados qualitativos permite

[19] "Bola" significa dar um trago num cigarro de maconha, no vocabulário do grupo entrevistado.

Revista da Anpege ISSN 1679-768X

afirmar que, apesar de a prisão apresentar uma forma material que prima pelo isolamento da cidade, o espaço carcerário é vivenciado de forma relacional com a cidade, bem como com outras escalas da prisão, de acordo com os significados elaborados pelos ex-detentos. O espaço carcerário, marcado pelo poder sobre os corpos dos detentos, reorganiza emoções, como revolta, raiva, medo, solidariedade, lealdade e amizade, que são constituídas pelas relações específicas do cárcere. As masculinidades específicas de homens encarcerados são negociadas cotidianamente pelo conjunto dos detentos, que extrapolam os muros da prisão. Mesmo depois do cumprimento da pena, a experiência do cárcere se mantém corporificada, acionando a discriminação e os afetos que promovem a alimentação da dinâmica de criminalização de formas de vidas consideradas socialmente dispensáveis.

Referências

1. AGAMBEN, Giorgio. **Estado de exceção**. São Paulo: Boitempo, 2004.
2. _____. **Homo sacer:** o poder soberano e a vida nua I. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
3. ARRUDA, R. F. de. **Por uma geografia do cárcere** – territorialidades nos pavilhões do presídio Professor Aníbal Bruno, em Recife/PE. Dissertação de mestrado. Recife. Universidade Federal do Pernambuco, 2006.
4. BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977.
5. BELL, David; VALENTINE, Gill. **Mapping desire:** geographies of sexualities. London: Routledge, 1995.
6. _____; BINNIE, Jon; HOLLIDAY, Ruth; LONGHURST, Robyn. **Pleasure zones:** bodies, cities, spaces. New York: Syracuse University Press, 2001.
7. BERG, Lawrence D.; LONGHURST, Robyn. **Placing masculinities and geography, gender, place and culture**, v. 10, n. 4, p. 351-360, 2003.
8. BERNARDT, Clemens; VAN HOVEN, Bettina; HUIGEN, Paulus. **Tracing memories in border-space in carceral spatiality.** In: MORAN, Dominique; SCHLIEHE, Anna. *Carceral spatiality: dialogues between geography and criminology.* London: Palgrave Macmillan, p. 201-236, 2017.
9. BINNIE, Jon; LONGHURST, Robyn; PEACE, Robin. **Upstairs/downstaits – place matters, bodies matter.** In: BELL, David; BINNIE, Jon; HOLLIDAY, Ruth; LONGHURST, Robyn. *Pleasure zones: bodies, cities, spaces.* New York: Syracuse University Press, p. vii-xiv, 2001.

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

10. BUTLER, Judith. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

11. CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista. **O espaço como componente a vulnerabilidade aos atos infracionais desenvolvidos por adolescentes do sexo masculino em conflito com a lei em Ponta Grossa/Paraná.** Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2009, 152 p.

12. CONNELL , ROBERT W. **Masculinities**. Berkeley: University of California Press, 1995.

13. CREWE, Ben; WARR, Jason; BENNETT, Peter; SMITH, Alan. **The emotional geography of prision life.** In: *Theoretical Criminology*, v. 18, n. 1, p. 56-74, 2013.

14. FIORAVANTE, K. E. **O espaço carcerário e a reestruturação das relações socioespaciais cotidianas de mulheres infratoras na cidade de Ponta Grossa, Paraná.** Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2011.

15. FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1999 [1987].

16. GILL, Nick; COLON, Deirdre; MORAN, Dominique; BURRIDGE, Andrew. **Carceral circuitry:** new directions in carceral geography. In: *Progress in Human Geography*, v. 42, n. 2, p. 183-204, 2018.

17. GOMES, Fernando Bertani. **"Cenas embaçadas":** a relação entre as espacialidades vivenciadas por jovens do sexo masculino e a morte por homicídio na cidade de Ponta Grossa, Paraná. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território). Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2013.

18. _____. **Necropolíticas espaciais e a instituição de masculinidades de jovens homens envolvidos na violência homicida na cidade de Ponta Grossa, Paraná.** Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2018.

19. HÖRSCHELMANN, Kathrin; VAN HOVEN, Bettina. **Spaces of masculinities.** London: Routledge: 2005.

20. HOPKINS, Peter; NOBLE, Greg. **Masculinities in place:** situated identities, relations and intersectionality. In: *Social & Cultural Geography*, v. 10, n. 8, p. 811-819, 2009.

21. INFOPEN. **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias.** Brasília: Ministério da Justiça, 2017.

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

22. JACKSON, Peter. **The cultural politics of masculinity:** towards a social geography. In: *Transactions of the Institute of British Geographers*, v. 16, n. 2, p. 199-213, 1991.

23. _____. **Black male:** advertising and the cultural politics of masculinity. In: *Gender, Place and Culture*, v. 1, n. 1, p. 49-60, 1994.

24. JOHNSTON, Lynda; LONGHURST, Robyn. **Space, place and sex:** geographies of sexualities. Rowman & Littlefield: Lanham, 2010.

25. LONGHURST, Robyn. **(Dis)embodied geographies.** In: *Progress in Human Geography*, v. 21, n. 4, p. 486-501, 1997.

26. _____. **Geography and gender:** masculinities, male identity and men. In: *Progress in Human Geography*, v. 24, n. 3, p. 439-444, 2000.

27. _____. **Bodies:** exploring fluid boundaries. London: Routledge, 2001.

28. _____. **Maternities:** gender, bodies and space. London: Routledge, 2008.

29. MASSEY, Doreen. **Pelo espaço:** uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

30. MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona Editora, 2014.

31. _____. **Necropolitics.** In: *Public Culture*, v. 15, n. 1, p. 11-40, 2003.

32. MCDOWELL, Linda. **Respect, deference, respectability and place:** what is the problem with/for working class boys? In: *Geoforum*, v. 38, n. 2, p. 276-286, 2007.

33. _____. **Men, management and multiple masculinities in organisations.** In: *Geoforum*, v. 32, n. 2, p. 181-198, 2001.

34. _____. **Masculine discourses and dissonances:** strutting "lads", protest masculinity, and domestic respectability. In: *Environment and Planning D: Society and Space*, v. 20, n. 1, p. 97-119, 2002.

35. _____. **Redundant masculinities:** employment change and white working class youth. Malden: Blackwell Publishing, 2003.

36. MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: HUCITEC, 2000.

37. MORAN, Dominique. **Carceral geography:** spaces and practices of incarceration. Farnham: Ashgate, 2015.

38. _____; SCHLIEHE, Anna. **Carceral spatiality:** dialogues between geography and criminology. London: Palgrave Macmillan, 2017.

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

39. ONU. **Report visit to Brazil undertaken from 19 to 30 october**: observations and recommendations addressed to the State party, 2016. Disponível em: https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2017/01/Relatorio-SPT-2016-1.pdf. Acesso em: 1/09/2018.

40. PILE, Steve. **The body and the city:** psychoanalysis, space and subjectivity. New York: Routledge, 1996.

41. _____; THRIFT, Nigel. **Mapping the subject:** geographies of cultural transformation. London: Routledge, 1995.

42. POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio.** In: *Estudos Históricos*, n. 3, p. 3-15, 1989.

43. ROCHA, Heder Leandro. **"Espaço espiado":** o uso de *crack* como um elemento das espacialidades vivenciadas por adolescentes do sexo masculino em Ponta Grossa/PR. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território).Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2013.

44. _____. **"Não dá nada, se der, dá pouco":** o "espaço espiado" dos adolescentes do sexo masculino, usuários de *crack* em Ponta Grossa/PR. In: *Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero*, v. 5, n. 1, p. 25-46, 2014.

45. ROSSI, Rodrigo. **"Malucos da quebrada":** territórios urbanos na complexidade espacial cotidiana dos adolescentes homens em conflito com a lei em Ponta Grossa/Paraná. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território). Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2010.

46. _____. **Masculinidades e interseccionalidade na vivência de territórios instituídos por adolescentes em conflito com a lei.** In: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista. *Espaço, gênero & masculinidades plurais*. Ponta Grossa: Todapalavra, p. 125-191, 2011.

47. _____. **Espacialidade carcerária e a instituição de masculinidades entre homens jovens egressos em Ponta Grossa/Paraná.** Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2017.

48. SÁ, Celso Pereira de. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

49. SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista. **Espaço, gênero & masculinidades plurais.** Ponta Grossa: Todapalavra, 2011.

50. _____; _____. **Corpo como espaço:** um desafio à imaginação geográfica. In: PIRES, Cláudia Zeferino; HEIDRICH, Álvaro Luiz; COSTA, Benhur Pinós da. *Plurilocalidades do sujeito: representações e ações no território.* Porto Alegre: Compasso Lugar-Cultura, p. 56-75, 2016.

Revista da Anpege ISSN 1679-768X

51. SMITH, Neil. **Contours of a spatialized politics:** homeless vehicles and the production of geo-graphical scale. In: *Social Text*, n. 33, p. 55-81, 1992.

52. _____. **Homeless/global:** scaling places. In: BIRD, Jon; CURTIS, Barry; PUTNAM, Tim; ROBERTSON, George; TICKNER, Lisa (eds.). *Mapping the futures: local cultures, global change*. London: Routledge, p. 87-119, 1993.

53. TURNER, Jennifer. **The prison boundary:** between society and carceral space. London: Palgrave Macmillan, 2016.

54. VASCONCELOS, T. S. de. **Entre territórios do cárcere, de contenção e lugares de vida:** uma microgeografia. Dissertação de mestrado. PUC/Rio de Janeiro, 2010.

55. ZOMIGHANI, J. H. Junior. **Território ativo e esquizofrênico:** prisão e pena privativa de liberdade no estado de São Paulo. Dissertação de mestrado. USP, 2009.

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X